

“MAS HÁ MESMO LOJAS DE BELCHIOR?”: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROBLEMAS METAFÍSICOS EM *IDEIAS DE CANÁRIO*

André Luiz Alves Caldas Amóra (Colégio Pedro II)

*Termos consciência de sermos ignorantes
é um grande passo para o conhecimento.*
(Disraeli, *Sibila*, I.5.)

O conto *Ideias de Canário*, de Machado de Assis, presente em *Páginas Recolhidas*, publicado em 1899, apresenta em sua estrutura um tom fabular. Vê-se a presença de um cientista, o ornitólogo Macedo, que se depara com um canário falante em uma loja de objetos antigos e fica impressionado com a sua linguagem. O conto citado, além de tecer críticas ao passionalismo científico do ornitólogo, apresenta a construção de conceitos, por meio das falas do pequeno pássaro, sobre o que poderia ser o mundo. As diferentes visões de mundo expostas pelo canário no referido conto podem ser vistas como uma metáfora da aquisição de algo, o qual, segundo Aristóteles, é desejado por todos os seres humanos: o conhecimento. Vendo nesse conto machadiano uma aproximação com o pensamento metafísico, mais precisamente com a *Alegoria da Caverna*, de Platão, nosso estudo visa a aproximar duas áreas de suma importância na construção do pensamento crítico do discente – Literatura e Filosofia.

A compreensão da profundidade das construções literárias está diretamente ligada à questão de como se poderia definir a expressão *visão de mundo*. Expressão que evidencia a importância na construção de um pensamento crítico – pensamento este, vital para uma socialização “consciente”. Paulo Freire destaca a função social da educação, afirmando ser esta a via de acesso à cidadania:

(...) Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *aprender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (FREIRE, 2002, p. 77).

Considerada outrora – na tradição clássica e escolástica – como a parte central da filosofia, a metafísica era definida como a *filosofia primeira*, cunhada por Aristóteles, o ponto de partida do sistema filosófico. De acordo com Nicola Abbagnano, “a metafísica, como foi entendida e projetada por Aristóteles, é a ciência primeira no sentido de fornecer a todas as outras o fundamento comum, ou seja, o objeto a que todas

elas se referem e os princípios dos quais todas dependem” (ABBAGNANO, 2000, p. 661). Já no pensamento moderno, a metafísica, em geral, perde o seu posto central, “uma vez que as questões sobre o conhecimento passam a ser tratadas como logicamente anteriores à questão do ser, ao problema ontológico” (JAPIAUSSÚ & MARCONDES, 2001, p. 129). Segundo Immanuel Kant, “a metafísica [é] conhecimento especulativo da razão isolada e que se eleva completamente para além dos ensinamentos da experiência através de simples conceitos” (JAPIAUSSÚ & MARCONDES, 2001, p. 129).

Muito difundida por Aristóteles, a metafísica tem o seu início com Platão. Giovanni Reale e Dario Antiseri afirmam que “a principal novidade da filosofia platônica consiste na descoberta de uma realidade superior ao mundo sensível, ou seja, uma dimensão suprafísica do ser” (REALE & ANTISERI, 2003, p. 137). Denominada por *Segunda Navegação*, a filosofia platônica “representa a filosofia que, com as forças da razão, se esforça para descobrir as verdadeiras causas da realidade, para além das causas físicas” (REALE & ANTISERI, 2003, p. 137). Seguindo ainda as palavras de Reale e Antiseri:

Depois da “segunda navegação” platônica (e somente depois dela) é que se pode falar de “material” e “imaterial”, “sensível” e “suprassensível”, “empírico” e “metaempírico”, “físico” e “suprafísico”. E é à luz dessas categorias que os Físicos anteriores se revelam materialistas e que a natureza e o cosmo não aparecem mais como a totalidade das coisas que existem, mas apenas como a totalidade das coisas que aparecem. O “verdadeiro ser” é constituído pela “realidade inteligível” (REALE & ANTISERI, 2003, p. 139).

A filosofia platônica recusou o conceito de *conhecimento* baseado no mundo sensível, pois este apenas nos poderia dar opiniões mutáveis e ilusórias. Defendeu por isso que o verdadeiro conhecimento estaria em ideias eternas que existiam num mundo separado das coisas sensíveis. Estas seriam imitações, mais ou menos perfeitas, das ideias. Sustentou ainda que todos os seres humanos, em graus variáveis, quando nascem já possuem muitas destas ideias. Nesse sentido, conhecer ou aprender é recordar aquilo que está obscurecido na alma, como se percebe n’*A República*, no trecho referente à *Alegoria da caverna*:

(...) Tereis, pois, de descer cada um por seu turno à vivenda subterrânea dos demais e acostumar-vos a enxergar no escuro. Uma vez acostumados, vereis infinitamente melhor que os habitantes da

caverna e conhecereis cada imagem e o que representa, porque já tereis visto o belo, o justo e o bom na essência (PLATÃO, s/d, p. 186).

Mesmo considerado *inclassificável* por muitos teóricos, Machado de Assis, a ficção machadiana destaca-se como “o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira” (BOSI, s/d, p. 193). Além de uma análise psicológica da sociedade, de sua fina crítica aos costumes de sua época, encontra-se em sua obra referências à filosofia. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, é criada a filosofia do Humanitismo – sistema de filosofia destinado a arruinar todos os demais sistemas (ASSIS, 1997-a, p. 100). A crítica às doutrinas vigentes fica patente no modo didático-filosófico usado pelo narrador ao expor sua teoria – a de que a morte é o que permite a vida, ou, em outros termos, é pela guerra que se chega à paz:

- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas (ASSIS, 2001, p. 19).

Com a máxima *Ao vencedor, as batatas!*, temos a síntese da Humanitas, negando ironicamente os pressupostos deterministas e darwinistas. Segundo Marisa Lajolo:

Toda a exposição sobre a filosofia do Humanitismo, (...), pode ter diferentes interpretações e é fundamental para a compreensão da obra machadiana. O Humanitismo tem sido entendido de diversas formas: como explicação do pessimismo machadiano; como crítica irônica às tendências cientificistas do século passado; como sátira das explicações metafísicas do homem; como resposta a uma linha filosófica pessimista; e muitas outras interpretações (LAJOLO, 1982, p. 42).

A *Humanitas* machadiana ironiza as doutrinas da época, pretendendo ser uma filosofia que nega as filosofias. Antonio Candido, em conhecido estudo acerca da obra machadiana, comenta o *Humanitismo* como forma de repúdio às correntes científicas, sobretudo o *Positivismo* e o *Darwinismo*:

Os críticos, sobretudo Barreto Filho, que melhor estudou o caso, interpretam o Humanitismo como sátira ao positivismo e em geral ao naturalismo filosófico do século XIX, principalmente sob o aspecto da teoria darwiniana da luta pela vida com sobrevivência do mais apto. Mas além disso é notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoração geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem, e sob este aspecto a obra de Machado se articula, muito mais do que poderia parecer à primeira vista, com os conceitos de alienação e decorrente reificação da personalidade, dominantes no pensamento e na crítica marxista de nossos dias e já ilustrados pela obra dos grandes realistas, homens tão diferentes dele quanto Balzac e Zola (CÂNDIDO, 1995, p. 34-35).

O conto *Idéias de Canário*, presente em *Páginas Recolhidas*, publicado em 1899, é uma espécie de fábula, pois conta a história de um ornitólogo – Macedo – que, em uma visita a uma loja de belchior, encontra um canário. Macedo fica pasmo com a linguagem e com as idéias apresentadas pelo pássaro em seu diálogo e, então, resolve comprá-lo para pesquisar tais comportamentos e atitudes. A ironia machadiana ao cientificismo e ao deslumbramento que acometia alguns na época pode ser vista na passagem a seguir:

Era meu intuito fazer um longo estudo do fenômeno, sem dizer nada a ninguém, até poder assombrar o século com a minha extraordinária descoberta. Comecei por alfabeto a língua do canário, por estudar-lhe a estrutura, as relações com a música, os sentimentos estéticos do bicho, as suas idéias e reminiscências. Feita essa análise filológica e psicológica, entrei propriamente na história dos canários, na origem deles, primeiros séculos, geologia e flora das ilhas Canárias, se ele tinha conhecimento da navegação, etc. Conversávamos longas horas, eu escrevendo as notas, ele esperando, saltando, trilando (ASSIS, 1997-b, p. 68).

Nota-se que Macedo apresenta um deslumbramento pela notoriedade. O personagem, que é apresentado como um homem das ciências, busca achar explicações racionais – uma marca da época – para entender o *fenômeno*. A ironia está nos absurdos que comete para atingir seu objetivo: analisar linguagem e reminiscências da ave.

Além da ironia às ciências em voga na época do realismo, o conto apresenta, também, um diálogo com o pensamento filosófico de Platão, sobretudo ao que se refere à teoria do conhecimento de mundo, a *Alegoria da Caverna* – que tem como princípio a passagem de um homem do mundo das *sombras* – a caverna – ao mundo da *Luz* – o mundo *real*, mostrando, assim, diferentes visões de mundo.

A primeira remissão ao mito da caverna já pode ser vista na própria descrição da loja onde Macedo compra o canário, lugar marcado por imagens sombrias e incompletas. A loja de belchior é descrita como um lugar misterioso e lúgubre e o homem que se encontrava dentro dela como um ser prostrado, cuja história não se poderia deduzir:

Escapei saltando para dentro de urna loja de belchior. Nem o estrépito do cavalo e do veículo, nem a minha entrada fez levantar o dono do negócio, que cochilava ao fundo, sentado numa cadeira de abrir. Era um frangalho de homem, barba cor de palha suja, a cabeça enfiada em um gorro esfarrapado, que provavelmente não achara comprador. Não se adivinhava nele nenhuma história, como podiam ter alguns dos objetos que vendia, nem se lhe sentia a tristeza austera e desenganada das vidas que foram vidas.

A loja era escura, atulhada das cousas velhas, tortas, rotas, enxovalhadas, enferrujadas que de ordinário se acham em tais casas, tudo naquela meia desordem própria do negócio. Essa mistura, posto que banal, era interessante. Panelas sem tampa, tampas sem panela, botões, sapatos, fechaduras, uma saia preta, chapéus de palha e de pêlo, caixilhos, binóculos, meias casacas, um florete, um cão empalhado, um par de chinelas, luvas, vasos sem nome, dragonas, uma bolsa de veludo, dois cabides, um bodoque, um termômetro, cadeiras, um retrato litografado pelo finado Sisson, um gamão, duas máscaras de arame para o carnaval que há de vir, tudo isso e o mais que não vi ou não me ficou de memória, enchia a loja nas imediações da porta, encostado, pendurado ou exposto em caixas de vidro, igualmente velhas. Lá para dentro, havia outras cousas mais e muitas, e do mesmo aspecto, dominando os objetos grandes, cômodas, cadeiras, camas, uns por cima dos outros, perdidos na escuridão (ASSIS, 1997-b, p. 65-66).

Percebe-se que os objetos contidos na loja são descritos como se estivessem perdidos na escuridão. *Escuridão* versus *Luz*, com presença de inúmeros termos que sugerem imperfeição (*frangalhos, rotas, tortas, enferrujadas, enxovalhadas*) ou incompletude (*panelas sem tampa, tampas sem panela*), como uma espécie de “teatro das sombras”. Temos, então, o primeiro indício da representação da *caverna* de Platão no conto machadiano.

Macedo, ao se deparar com o canário, fica deslumbrado com a vitalidade do pássaro e compara-o a um *raio solar* em um *cemitério* – neste caso, a loja –, simbolizando a vida em um ambiente fúnebre, Apolo perdido no reino de Hades:

A cor, a animação e a graça do passarinho davam àquele amontoado de destroços uma nota de vida e de mocidade. Era o último passageiro de algum naufrágio, que ali foi parar íntegro e alegre como dantes. Logo que olhei para ele, entrou a saltar mais abaixo e acima, de poleiro em poleiro, como se quisesse dizer que no meio daquele cemitério brincava um raio de sol (ASSIS, 1997-b, p. 66).

O canário encontra-se alegoricamente no mundo das sombras, pois a sua visão de mundo está restringida à loja em que vive. Nota-se que, do ponto de vista do pássaro, o homem é apenas um criado e que está ali apenas para servir a ele:

Esse homem que aí está é meu criado, dá-me água e comida todos os dias, com tal regularidade que eu, se devesse pagar-lhe os serviços, não seria com pouco; mas os canários não pagam criados. Em verdade, se o mundo é propriedade dos canários, seria extravagante que eles pagassem o que está no mundo (ASSIS, 1997-b, p. 67).

E confirma tal visão, quando responde ao ornitólogo, o que seria o mundo para ele, demonstrando total desconhecimento do *espaço azul e infinito* referidos pelo cientista. Em sua ignorância, pensava que aquela loja era o mundo:

O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira (ASSIS, 1997-b, p. 67).

Pode ser notado que o canário assume um ar de professor – senhor de suas definições –, mostrando, assim, uma crítica àqueles que se julgam racionais. As certezas demonstradas pelo canário também lembram as afirmativas veementes dos filósofos, e a afirmativa: *Fora daí, tudo é ilusão e mentira* remete ao mito platônico, calcado na questão da ilusão apresentada pelo mundo visível. O mundo para o pequeno pássaro é uma loja escura, com objetos velhos e com uma gaiola, que pode ser vista como uma cela –, símbolo máximo do aprisionamento.

Depois da compra do canário, Macedo leva-o para sua casa e coloca-o na varanda de sua casa, “donde o passarinho podia ver o jardim, o repuxo e um pouco do

céu azul” (ASSIS, 1997-b, p. 67). É digna de destaque a reclusão do cientista para o estudo do tal fenômeno. É percebido, também, que o ornitólogo era uma pessoa solitária:

Não tendo mais família que dois criados, ordenava lhes que não me interrompessem, ainda por motivo de alguma carta ou telegrama urgente, ou visita de importância. Sabendo ambos das minhas ocupações científicas, acharam natural a ordem, e não suspeitaram que o canário e eu nos entendíamos (ASSIS, 1997-b, p. 68).

Diferentemente do ornitólogo, que se vai isolando do mundo e se torna um recluso, à medida que o tempo passa os horizontes do canário vão se ampliando, e notamos o quanto isso o afeta pela definição de *mundo* que o pássaro dá, quando, já estando há três semanas na varanda da casa de Macedo, é novamente indagado:

O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira (ASSIS, 1997-b, p. 68).

Pode-se perceber que as palavras do canário, mais uma vez, remetem ao mito platônico – *Tudo o mais é ilusão e mentira* –, porém, agora, apresentam uma definição de mundo diferente da primeira. Sua visão de mundo é representada por um jardim, ar claro, alguma grama – todos simbolizando um lugar paradisíaco –, entretanto, o canário encontra-se ainda em uma gaiola e, por isso, vê apenas alguma grama e um pouco de céu azul.

No sentido inverso, o ornitólogo vai se enclausurando cada vez mais. O trabalho e a descoberta deixavam-no em desvario. Uma crítica aos cientistas da época? Como destaque, podemos citar que o canário só conversava com ele. Alucinação ou Razão? Para Macedo, o passarinho não dizia nada aos outros, porque sabia que lhes faltava preparo científico:

Não podia ainda escrever a memória que havia de mandar ao Museu Nacional, ao Instituto Histórico e às universidades alemãs, não porque faltasse matéria, mas para acumular primeiro todas as observações e ratificá-las. Nos últimos dias, não saía de casa, não respondia a cartas, não quis saber de amigos nem parentes. Todo eu era canário. De manhã, um dos criados tinha a seu cargo limpar a gaiola e pôr lhe água e comida. O passarinho não lhe dizia nada, como se soubesse que a esse homem faltava qualquer preparo científico. Também o serviço

era o mais sumário do mundo; o criado não era amador de pássaros (ASSIS, 1997-b, p. 69).

Nota-se que esse enclausuramento pode sugerir um temperamento romântico por parte do cientista, mais um motivo para críticas realizadas pelo narrador. Observamos que ele se isola, numa imagem que lembra a do poeta solitário em sua torre. Em tempos científicistas, entretanto, tal isolamento aparece adaptado a um laboratório. A passionalidade de Macedo pode ser vista no modo em que ele próprio se define: *Todo eu era canário*. Percebemos, então, uma grande ironia machadiana, ao aproximar a imagem da Ciência à da Emoção, antitéticas em sua essência. Curiosamente, quanto mais deslumbrado e dedicado ao canário, mais Macedo parece afastar-se da Razão e aproximar-se do estereótipo romântico, chegando a adoecer por uma obsessão:

Um sábado amanheci enfermo, a cabeça e a espinha doíam-me. O médico ordenou absoluto repouso; era excesso de estudo, não devia ler nem pensar, não devia saber sequer o que se passava na cidade e no mundo. Assim fiquei cinco dias; no sexto levantei-me, e só então soube que o canário, estando o criado a tratar dele, fugira da gaiola. O meu primeiro gesto foi para esganar o criado; a indignação sufocou-me, caí na cadeira, sem voz, tonto. O culpado defendeu-se, jurou que tivera cuidado, o passarinho é que fugira por astuto (ASSIS, 1997-b, p. 69).

Sabendo que o canário fugiu, o ornitólogo tem um impulso de ira, mostrando sua total passionalidade em relação ao canário. O envolvimento de Macedo lembra uma das principais características românticas: a predominância das paixões em detrimento da frieza racional.

Pode-se perceber que o cientista começa a ser visto como *doido*, devido ao estado de excitação que ele apresenta ao reencontrar o “pássaro falante”. Note-se que em momento algum a narrativa esclarece se realmente se tratava de um pássaro extraordinário ou se Macedo realmente enlouquecia lentamente:

— Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?
Era o canário; estava no galho de uma árvore. Imaginem como fiquei, e o que lhe disse. O meu amigo cuidou que eu estivesse doido; mas que me importavam cuidados de amigos? (ASSIS, 1997-b, p. 69).

O reencontro com o canário é extremamente importante, pois abre espaço para o surgimento da terceira definição de mundo apresentada pela pequena ave. A passagem a seguir é inclusive o desfecho do conto, apresentando uma constatação surpreendente:

Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular.

— Que jardim? que repuxo?

— O mundo, meu querido.

— Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.

Indignado, retorqui-lhe que, se eu lhe desse crédito, o mundo era tudo; até já fora uma loja de belchior.

— De belchior? trilou ele às bandeiras despregadas. Mas há mesmo lojas de belchior? (ASSIS, 1997-b, p. 69-70).

O canário define o mundo como *um espaço azul e infinito*. Retomando a *Alegoria da Caverna*, o pássaro representaria o homem que consegue sair do mundo das sombras – loja de belchior – e encontra o mundo real, comprovando a *Teoria do Conhecimento*, de Platão. Ironicamente, verificamos que o cientista faz um caminho inverso, abandonando o que considerava o mundo da Razão e se isolando em uma caverna repleta de imagens disformes, de sua loucura. Percebe-se, assim, que *Ideias de Canário* pode ser vista como uma alegoria machadiana da alegoria platônica.

O mundo, para o pequeno pássaro, adquire um novo sentido a partir do conhecimento. *Ideias de Canário* pode ser analisado, pois, como uma alegoria da própria alegoria de Platão. O mundo transforma-se quando há a possibilidade de conhecimento. O mundo, como afirma João-Francisco Duarte Junior, em seu livro *O que é realidade*, é um conceito humano. O mundo é “a compreensão de tudo isto numa totalidade, é a ordenação deste aglomerado de seres num esquema significativo, só possível ao homem através de sua consciência simbólica, linguística” (DUARTE JR., 2000, p. 22). O mundo, ordenado pela linguagem, “é o que pode ser dito” (DUARTE JR., 2000, p. 22), e, “consequentemente a realidade será também fundamentalmente estabelecida e mantida por ela” (DUARTE JR., 2000, p. 24).

Referências:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Páginas Recolhidas*. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *Quincas Borba*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Machado de Assis – seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico*. São Paulo: Nova Cultural, 1990. (Coleção *Literatura Comentada*)

PLATÃO. Alegoria da caverna. In: *Diálogos- A república*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paullus, 2003.